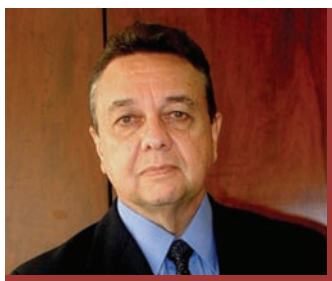


## Diário de bordo

# Mercado para biocombustíveis



Roberto Rodrigues\*

**A** ONDA dos biocombustíveis vem crescendo no mundo inteiro. Todos os dias acontecem novos seminários, exposições e debates sobre o tema, em todos os continentes. Talvez, devido à quantidade dos eventos, não seja possível levar a todos eles os especialistas competentes e que de fato conhecem o setor da agroenergia, de modo que acabam sendo ouvidas pessoas nem sempre bem informadas ou, às vezes, preconceituosas em relação à temática. E a confusão cresce, em vez de se levar ao esclarecimento.

Nada é mais repetitivo que o falso dilema da disputa biocombustível x alimentos, e não há argumentação numérica, técnica ou científica que demova os neo-malthusianos crentes na fome por causa do etanol e do biodiesel. As pessoas fazem contas sobre o futuro olhando para o passado. Avaliam que vai faltar comida com base em níveis de produtividade estáticos, como se a inovação tecnológica não existisse.

Esquecem-se de exemplos recentes que mostram exatamente o contrário. Só no caso brasileiro, os dados são suficientes para desmontar o argumento: nos últimos 15 anos, a área plantada com grãos no Brasil cresceu 21% enquanto a produtividade aumentou 119%. No caso das carnes, o número é ainda mais impressionante: em 12 anos a produção de carne suína cresceu 113% e a de frango 170%!

Isso demonstra a enorme capacidade de aumentar a oferta de alimentos no futuro, inclusive com o uso de novas tecnologias, como a transgenia.

De outro lado, a produtividade do etanol por hectare também dobrará em função de avanços tecnológicos. E finalmente, haverá produção de alimentos nas áreas de renovação da cana onde antes só havia pastagens. Portanto, não há e nem haverá no longo prazo o problema da concorrência entre alimentos e biocombustíveis.

Outras questões recorrentes nos referidos eventos – como a plantação de cana na floresta amazônica (absurdo agrônomico), ou a questão ambiental da monocultura – já estão todas equacionadas.

Na verdade, o grande problema em relação aos biocombustíveis é a criação de um efetivo mercado mundial. Ainda não existe este mercado. E para que exista, para que o etanol se transforme em uma *commodity* de fato, é fundamental que mais países produzam para exportar, que haja políticas para estocagem e investimentos em logística. Não haverá uma *commodity* se só houver um país exportando-a. Ninguém trocará a dependência do petróleo pela do álcool. Também é necessário padronizar o produto.

Esse é o grande tema a ser perseguido, além da relevante questão do aquecimento global: tem muita gente investindo na produção, contando com um mercado que precisa ser estabelecido.

É por isso que o entendimento entre Brasil e Estados Unidos para construir destilarias na América Central e no Caribe é bem-vindo. Mas é pouco. Precisamos de muito mais, como acordos com países europeus para investimentos na África, e com o Japão para projetos na Ásia. E isso não é apenas um trabalho para governos. É muito mais uma ação do setor privado, que ganhará em todas as frentes: na comoditização, na exportação do etanol, na exportação de usinas completas, de tecnologia, de *know-how*, e de inteligência. É aí que não dá mais para perder tempo. ■

\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

## Produzir

# Impactos do câmbio



Cesário Ramalho da Silva\*

**A** POLÍTICA cambial vigente detriora a competitividade da agropecuária brasileira, com impacto negativo direto na renda do produtor rural. A valorização do real é duplamente punitiva para os setores produtivos. Encarece os produtos nacionais em moedas estrangeiras e reduz a margem de rentabilidade dos agentes produtivos.

Desde o início deste ano o câmbio já sofreu valorização acumulada de 10,97%. A tendência não é a interrupção deste processo. Os saldos comerciais do país continuam elevados, e a taxa de juros interna mais elevada atrai capital internacional. A oferta de dólar é intensa e o real se valoriza.

É interessante fazer uma comparação do vai-e-vem das cotações das *commodities* agrícolas importantes no mercado internacional, junto com o sobe-e-desce cambial entre 2000 e 2006. O processo, no acumulado do período, mostra um declínio na renda dos produtores. O caso do suco de laranja, em 2004, é uma exceção, pois decorreu dos problemas climáticos nos Estados Unidos.

Soma-se a isso um cálculo que aponta elevação de 103% nos custos agregados do produtor rural diante de um aumento de receita bem menor, de apenas 72% entre 2000 e 2006. Com base nesses números o fato é que a agropecuária da *porteira para dentro* tem argumentos sólidos